Todo cérebro tem um cu

renata lima aspis*

Resumo: O presente texto busca problematizar a ideia de episteme como produção de conhecimento intelectual entendido como racional no sentido cartesiano. Trata-se de evocar a ideia e a prática de outros modos de pensar e outros modos de criar conhecimentos, ou seja, epistemologias dissidentes, feitas por meio do corpo e em conexão com os outros elementos/corpos da natureza. Nesse sentido, propõe-se uma análise crítica do cartesianismo, do colonialismo/colonialidade, em companhia das filosofias da diferença, de filosofias ecofeministas e outras filosofias e artes transfeministas e interespecistas. Acredita-se que a decapitação e o antiespecismo podem nos levar a outras experimentações do humano, basta começar.

Palavras-chave: epistemologias dissidentes; anti-cartesianismo; epistemologias viscerais; antiespecismo; rizoma.

Every brain has an asshole

Abstract: The following text aims to question the idea of the episteme as the production of intellectual knowledge, generally understood as rational in the Cartesian sense. In contrast, we believe it is important to consider the idea and practice of other ways of thinking and creating knowledge, or be it what may be referred to as dissident epistemologies, which are created through the body in connection with other elements/bodies of nature. Thus, a critical analysis of Cartesianism and colonialism is conducted, drawing on various concepts of the philosophies of difference, ecofeminist philosophies and other philosophies and arts concepts of transfeminism and interspeciesism. This beheading and the adoption of antispeciesism as a way of being may lead to other experimentations of what it is to be human - it is only a matter of starting.

Key words: dissident epistemologies; anti-Cartesianism; visceral epistemologies; antispeciesism; rizome.

* **renata lima aspis** é Doutora em Educação pela Unicamp. Professora de filosofia na Faculdade de Educação - FaE. da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

A discussão começou com uma pequena divergência e foi esquentando, era só a ponta do iceberg, e o iceberg era de fogo, tinha muita coisa por trás, por baixo, de tudo que era lado e de tudo que era tipo. Eram dois pontos de vista divergentes, duas posições políticas distintas. De um lado, um homem negro, da favela, que disse: "na minha tese não entra branco, nada na minha bibliografia, nada deles sairá pela minha boca. Não vou mais falar de Foucault, Deleuze-Guattari..." Alguém retorquiu: "uai, gente, mas o Mbembe mesmo estudou muito Foucault antes de escrever o que escreveu". Ele respondeu, mais inflamado: "Foucault escreveu para os europeus, não precisamos dele, temos muitos intelectuais africanos e latino-americanos com quem conversar". Do outro lado, um moço também negro, igualmente da favela, que disse: "eu não concordo. Na minha dissertação eu vou usar Deleuze. Eu vou usar todos eles, eles não usaram a gente, sempre? Vou usar, vou usar como eu quiser, vou desterritorializar o que me interessar e reterritorializar no meu problema de pesquisa. Nunca pude usar nada deles, eu fiz a graduação em filosofia como um intruso indesejado, e tive que estudar o que me foi imposto, agora vou usar!". Eles são amigos. Estávamos entre pessoas amigas. E todo mundo começou a falar quase ao mesmo tempo, um fogo cruzado. Fiquei alegre, porque há muito tempo venho pensando em várias questões que têm a ver com essa conversa.

Por que ler Deleuze-Guattari? Machos heterocis brancos europeus, não por isso, muito pelo contrário. Tem a ver com outras coisas. Pode acontecer de uma frase ou uma página virem a falar diretamente com a pele. Os pelos do braço comemoram, levantam-se, um arrepio sobe até a nuca, bem na base da cabeça, um leve zumbido nos ouvidos, zuiim... pá! Algo aconteceu. Desce pela goela, dá uma volta nas paredes do estômago, apazigua a barriga, o cu relaxa, os dedos dos pés se separam. Já não sou a mesma, releio, entrei em outra dimensão, outras possibilidades de pensar me invadem, meu corpo é como onda em ressonância, se alastra, sinto alegria. Então, talvez, uma pergunta melhor seria: para que ler D&G? Que tipo de encontro se quer provocar? Respondo: para se encher de coragem, força de vida, alegria, potência, seguir, criar. Mas isso pode acontecer ao ler outras pessoas também? Sim, sim. E se a gente não se importar com a procedência geopolítica da pessoa que escreveu, isso seria um ato despolitizado, ingênuo, criticável? Acho que isso não é simples e tem a ver com a questão da dissidência.

Dissidência: debandar, abandonar o rebanho, que, afinal, não é mesmo nosso, desembestar, correr para o nosso deserto[1]. Nietzsche (e eu): correr para o nosso deserto, onde o camelo possa se tornar leão para ter a força de dizer não. Nesse deserto, o espírito do camelo que se tornou leão vai encontrar o Grande Dragão de escamas douradas, a quem ele serviu até então, e em cada uma das escamas está escrito: tu deves! Tu deves obedecer, tu deves se sentir menas, tu deves reproduzir, tu deves decorar os ensinamentos, tu deves seguir a coreografia, tu deves se comportar, se encaixar, se conformar, tu deves acreditar que a vida é assim mesmo e calar. O Grande Dragão diz: tudo o que poderia ser criado eu já criei, e tu, tu deves reproduzir! E o leão diz: Não! Eis aí, oh, senhores, a força do leão que é

[1] Tudo neste parágrafo foi inspirado e é uma quase-paráfrase, em que reafirmo o sentido, estabelecendo minha interpretação, de "As Três Transmutações do Espírito", parte de *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche.

necessária ao espírito, para que ele possa ser dissidente, possa rejeitar essa vida que é uma parca sobrevivência por meio da cópia, vida enlatada, apenas mais um tijolo do muro, vida decalque. Não, grita o leão e diz: eu quero. Oh, ainda há um querer, ainda há desejo, ainda sobrevive o espírito como usina de vida, ainda é possível se desgarrar do rebanho, ainda se pode disjuntar seu modo de existir dessa fôrma e criar-se a si mesma, criar outros mundos. Para isso é necessário que o espírito se transmute ainda mais uma vez, e de leão se transforme em criança. O que a criança pode que o leão não pode? A criança pode criar, a criança é o movimento de diferenciar-se de si mesma sem cessar, a criança é movimento, é o pensar sem pressupostos, é o corpo flexível e destemido que quer viver: pular, correr, fuçar tudo por aí, alegria. Quero pensar os dissidentes exatamente como aqueles que pensam de outra maneira (ASPIS, 2022), de outras maneiras. Pensar de outras maneiras é doloroso e dá muita alegria também, muita, mas demanda esforço, atenção, tatear o invisível. Cuidado, é perigoso, vertigem, muita velocidade que pode pôr tudo a perder; é preciso encontrar as palavras, compô-las numa sintaxe que traga sentido, é necessário criar os parâmetros para seguir. Criar, sim, pensar de outras maneiras, é isso que é: criar, não haver mais a coreografia do rebanho a ser seguida. Repaginar, recriar, regurgitar, reproduzir, customizar, novidade, nada disso, não, nada disso é pensar de outras maneiras.

É preciso não esquecer: todo cérebro tem um cu. Um cérebro sozinho, um *cogito*, as ideias, o discernimento, o intelecto inteligibilizante, não são nada sem o corpo. O corpo todinho, cada pequena artéria, cada gota de saliva, cada movimento intestinal, uma célula de epiderme, tudo, tudo o que esse corpo come e comeu, onde encosta e encostou, o que vê e viu, o que cheira e cheirou, o que escuta e escutou, o que imagina, sente, o que sonha, onde delira, todos os encontros com outros corpos, tudo isso o compõe, desde que nasceu até que morra, compõe e decompõe, em movimento incessante. Esse corpo nunca é ele mesmo, não para de diferenciar-se de si mesmo. (Vamos ainda falar de rizoma? Siiim![2]). Pensar de outras maneiras tem a ver com pensar com o corpo. Outras maneiras implicam assumir o *cogito* — esse "fofo", essa herança maldita da modernidade, esse nobre sentado em seu gabinete, vestindo seu robe de chambre, olhando a lareira e se perguntando "será que eu existo?" —, como um componente tão importante

[2] O conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari, foi exaustivamente usado e abusado nas últimas décadas. Para nós, sempre muito útil, é uma referência relevante. Este nosso texto orbita-o, sem pudor. No entanto, ele mesmo vai estar apenas aqui, nesta nota de rodapé. Trata-se de um sistema a-centrado que muda de natureza a cada nova conexão. Se ele muda de natureza, é porque não tem uma natureza no sentido de essência, algo imutável e dado *a priori* da existência concreta de algum corpo, pois este é entendido como algo que está num mundo de relações, encontros e desencontros, socioeconômicos e políticos e todo tipo de afeto. Um sistema sem profundezas, que se compõe por direções movediças, de n dimensões, uma multiplicidade em movimento. "O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de 'devires'" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 33). O rizoma é distinto da raiz, que cresce organizando uma centralidade na função de fundamento para um sistema vertical e hierarquizado, com cada coisa em seu lugar, no qual não há abertura para ramificações, variações, conexões imprevisíveis.

quanto uma unha do pé.[3] Para a resposta "sim, eu existo porque estou aqui me perguntando se existo e só isso importa", daremos uma gargalhada e sairemos dançando sem cabeça, girando, juntas, levantando poeira. Trata-se de criar epistemologias viscerais.

Só o nome epistemologia, no entanto, já diz tudo. Episteme, palavra grega, quer dizer conhecimento verdadeiro, conhecimento das coisas como elas verdadeiramente são. E esse *logia* aí, como sufixo, que se refere ao logos, à razão, o pensamento que discerne, o pensamento organizado, que produz estudos...? Esta é uma palavra dessa "nossa" tradição greco-romana-judaico-cristã-europeia que caiu aqui estuprando e matando, que violentou e destruiu no continente africano, e trouxe aqueles corpos mutilados, sem suas almas coletivas, e os jogou por cima dos cadáveres produzidos neste território e misturou tudo com armas de fogo e vírus, com a monstruosidade de sua ideia de superioridade, que racializou e torturou. Essa gente aí mandava seus filhos estudarem no Reino, para se perfumarem de reis e aprenderem o tal conhecimento verdadeiro sobre todas as coisas, enquanto trucidavam e ajoelhavam para rezar para um deus tão mau quanto eles, caga-regras vingativo e ressentido. Esse nome – epistemologia – a gente já deveria não querer usar, se pensasse nessas coisas. Vamos ter que inventar outro.

Existem outros conhecimentos que não o hegemônico — aquele praticado nas universidades hoje e considerado produção intelectual —, os chamados saberes tradicionais, dos povos originários indígenas e afrodiaspóricos, praticado nos quilombos e nas aldeias, entre os ciganos, os caiçaras, as benzedeiras, as raizeiras, as mateiras, as mães de santo, as curandeiras, as rezadeiras, nas favelas, nas florestas, nos sertões. Alguns são chancelados pela universidade e, reconhecidos como saberes, ganham medalhas... (será que esses povos nos dariam medalhas também?). Sim, existem, e são epistemologias e são dissidentes, mas é de uma outra perspectiva que queremos elaborar esse problema, embora tudo isso esteja em conexão.

Na Europa, a partir do século XVII, o sol passou a não girar mais em torno da Terra, o universo passou a ser infinito e determinou-se que já não se podia mais deixar enganar pelos sentidos, portanto, a partir de então, decidiu-se: todo conhecimento verdadeiro vem exclusivamente da razão. Passou-se a despender grande esforço em construir um método infalível, matemático, "racional" de conhecer as coisas "como elas verdadeiramente são". Um método, uma episteme: a verdade. O método da

[3] Essa nossa ironia se refere a René Descartes (1596 – 1650), *Cartesius*, em latim, nobre, filósofo e matemático francês, cujo legado influenciou o pensamento dos séculos seguintes. Seu propósito era compreender racionalmente todos os fenômenos da natureza, para isso construiu sua obra encadeando "ideias claras e distintas" e fez da dúvida um método para acabar com todas as dúvidas, de maneira a chegar à verdade. Para Descartes, o *cogito* é demonstrado como evidente e essa constatação faz com que toda dúvida seja superada. Em sua obra *Meditações concernentes à primeira filosofia nas quais a existência de Deus e a distinção real entre a alma e o corpo do homem são demonstradas* (1641), acompanhamos, ao longo de seis meditações, um pensamento que decide apoiar-se apenas em si mesmo para alcançar a verdade. Na *Meditação Primeira das coisas que se podem colocar em dúvida*, o filósofo começa a colocar em dúvida, em primeiro lugar, os conhecimentos que nos chegam por meio dos cinco sentidos "[P]or exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza" (DESCARTES, 1979, p. 86).

ciência que começa na Modernidade – que a separa implacavelmente da filosofia – parte da observação, por meio do sentido da visão, sim, mas trata-se de uma observação sistemática, que procura repetições para criar padrões, que mede os fenômenos e cria dados, que busca a confirmação de uma hipótese cogitada antes. Passa a haver um *cogito* — uma mente, a tal da razão — que se coloca como aquele que determina o que é a verdade, que determina o que todas as coisas são. O contato físico com a natureza, com os fenômenos, com todos os corpos que não são a mente do ser-que-cogita, são colocados como objetos a serem investigados; são coisas, matérias a serem manipuladas. O contato com a natureza é mediado pelo intelecto que o antecipa com hipóteses e o experimenta condicionado por elas, vivendo esse contato exclusivamente para produzir dados para justificar ou alicerçar uma teoria, a qual irá posteriormente substituir os fenômenos e a natureza. Esse modo de se posicionar no mundo marca o estabelecimento da natureza como um conjunto de elementos e a retirada desse ser-que-cogita desse conjunto. De lá para cá, cada vez mais, os seres humanos não se reconhecem como sendo a natureza, como sendo da natureza, não sabem que são animais e que, como tais, são feitos de todos os outros elementos desse complexo rizomático, que passa a ser designado como natureza. Uma natureza que não mais é vista e sentida como um sistema do qual dependem, mas como um agrupamento de objetos à disposição para serem manejados em nome do "progresso" da "cultura". Os seres-que-cogitam não sabem mais que são feitos do e no meio onde vivem, o planeta Terra. A natureza passa a ser entendida como oposto de civilização, uma inimiga que deve ser vencida e subordinada, tornada escrava de guerra. Os experimentos científicos são, portanto, exercícios de reproduzir os fenômenos artificialmente, de forma controlada, para capturar o que não varia e criar leis, fôrmas para entender, fôrmas para fazer caber os fenômenos na teoria. Experimentos não são experimentações. A teoria será a realidade codificada, segura por suas próprias leis, distante, separada da vida, esta que continua a se diferenciar de si mesma em movimento contínuo. Como diz Castiel Vitorino Brasileiro (2020, p. 34)[4], a "diferença não é uma questão de equivalência, mas de discrepância radical, e isto é o que há de mais belo neste planeta: a assimetria, a impossibilidade de massificação da variabilidade das formas pelo mito da Forma Eterna". O sujeito moderno, portanto, deixa de ser a criatura de um deus que o criou à sua imagem e semelhança, e passa a ser o próprio criador, o criador de artefatos que podem transformar a natureza em seu próprio benefício, a despeito de todo sofrimento imposto a tudo e a todos que o rodeiam, a despeito de toda destruição. Hannah Stark, em seu livro *Feminist theory after Deleuze* (2017), [Teoria feminista depois de Deleuze], trabalha com a ideia de que o dualismo

[4] Vamos fazer essa nota para falar dessa autora. Por quê? Porque é importante que seja mais conhecida e, se deixarmos sem nota, talvez você se esqueça de pesquisar depois. Mas por que é importante conhecê-la? Você verá. Nascida em Fonte Grande, Vitória/Espírito Santo – Brasil, em 1996, a Artista, escritora e psicóloga clínica (formada na Universidade Federal do Espírito Santo e mestra em psicologia clínica pela PUC-SP), "vive a Transmutação como um designo inevitável. Dribla, incorpora e mergulha em sua ontologia Bantu. Assumi a cura como um momento perecível de liberdade. Estuda e constrói espiritualidade e ancestralidade interespecífica." Disponível em: https://www.premiopipa.com/castiel-vitorino-brasileiro/.

do sistema filosófico criado por Descartes separa irremediavelmente o corpo da mente, ao concebê-los como sendo feitos de diferentes substâncias. Essa distinção irreconciliável entre corpo e mente é o que sustenta o sistema de valor do cartesianismo, sistema binário que, segundo a pensadora, tem implicações bastante problemáticas para as mulheres:

> O homem, que está situado no lado valorizado de um conjunto correlato de pares binários, está alinhado com a mente e a razão, a racionalidade, a cultura e a posição de sujeito. A mulher, quem, dentro desse sistema, é o seu oposto, e, portanto se situa no lado desvalorizado do binário, está alinhada com o corpo e a paixão, a irracionalidade, a natureza e a posição de objeto. Essa estrutura binária torna impossível ser mulher e ser racional ao mesmo tempo. Além disso, privilegiar a razão e o seu alinhamento com o masculino, vai diretamente ao encontro do estabelecimento do modo como a personalidade vem sendo entendida, como vemos em uma das tradições predominantes por meio da qual isso é imaginado: o humanismo liberal (STARK, 2017, p. 10, tradução minha).[5]

A herança de "nossa" tradição (do Renascimento europeu e do Iluminismo) é justamente esta: quem pode pensar são os homens (machos), brancos, adultos, cristãos, excluindo os outros. Aliás, é daí que surge a ideia e a prática de determinar quem são os "outros". O ser humano é chamado de "o homem": sim, os corpos com pênis, heterocis, brancos, cristãos, com posses e/ou títulos, das cidades, letrados, são o modelo, são o ser humano. E como tudo o que não é espelho, Narciso acha feio, o ser-que-cogita execra, subordina, usa e destrói os corpos com vagina, os corpos racializados, os corpos de gênero não binário, os corpos infantis, os corpos dos povos originários dos territórios colonizados, os corpos com deficiências, os corpos transgênero, os corpos gordos, os corpos "loucos", ou seja, todo e qualquer corpo que não seja ele. Os seres humanos, portanto, numericamente são muito poucos, são aqueles considerados sujeitos, os que pensam, os que podem participar da vida pública, os que podem acumular bens e fazer ciência, os que determinam o que é a verdade e o que é o certo e o errado. Os outros são coisas, e, como tais, não pertencem a si mesmos: são corpos usáveis e descartáveis.

É por isso que, ao falarmos de epistemologias dissidentes, dizemos "sai de mim razão", e sugerimos: trace uma linha imaginária bem abaixo do seu pescoço, pode chamá-la de trópico de câncer, se você quiser. Separe o topo do hemisfério norte. Reserve-o. Pergunte: peito, braços e tudo o mais que compõe esse corpo, até as plantas dos pés, o que vocês sabem? Tudo o que responderem que sabem será considerado epistemologia dissidente. "Os ventos do

[5] No original: "Descartes established a system of philosophical dualism in which the mind and the body are considered to be of a different substance and therefore irreducibly distinct. Cartesianism offers a constructed system of value, which has problematic implications for women. Man, who is situated on the valued side of correlated set of binary pairs, is aligned to the mind and with reason, rationality, culture and the position of subject. Woman, who within this system is his opposite, and therefore sits on the devalued side of the binary, is aligned with the body and with passion, irrationality, nature and the position of object. This binary structure makes it impossible to be a woman and rational at the same time. Moreover, the privileging of reason and its alignment to the masculine goes to the very foundation of how personhood has been understood, as we see in one of the predominant traditions through which this is imagined: liberal humanism."

norte não movem moinhos", como diz a música Sangue Latino de João Ricardo e Paulinho Mendonça. Decapitado, este corpo dança? Dança. Sente? Sente. Fala? Fala! Pode coisar tud'as coisa? Pode. Sozinho? Não.

Esse corpo está em um planeta com outros corpos de outras espécies e de outros reinos (se é que tem sentido falar assim, ainda seguindo a lógica do *cogito*, da ciência moderna), e não só está com esses outros corpos como também é feito deles. Inspire. Encha os pulmões até a barriga, cheire Castiel Vitorino Brasileiro (2022), expire: trata-se de toda uma ecossinestesia (*oikós* + *syn* + *esthesia*, casa, sentir, junto). A autora não fala isso, eu estou falando, foi uma inspiração.

> Sim, todas as vidas deste planeta estão conectadas no nível bioquímico, mas isso não deve ser traduzido numa proposta de igualdade, pois o que a diferença nos exige não é um tratamento igualitário/massificante, mas a disposição em construir interações ecossociais que assegurem a integridade da diversidade vital. (BRASILEIRO, 2020, p. 33).

A filósofa ecofeminista brasileira Daniela Rosendo (2022) nos traz o trabalho da também filósofa ecofeminista estadunidense Karen J. Warren (2000), que cita as palavras da teóloga ecofeminista Rosemary Radford Ruether (1975):

> As mulheres precisam ver que não pode haver libertação para elas nem solução para a crise ecológica em uma sociedade cujo modelo fundamental das relações continua sendo o da dominação. Elas precisam unir as demandas do movimento das mulheres com aquelas do movimento ecológico para vislumbrarem uma transformação radical das relações socioeconômicas básicas e dos valores subjacentes a essa sociedade (RUETHER, 1975, p. 204 *apud* WARREN, 2000, p. xiii, tradução minha).[6]

Quando, na Modernidade, cria-se o modelo de ser humano a partir de um determinado corpo, excluindo todos os outros – que se tornam "outros" justamente por essa afirmação, como já dito –, não se trata apenas de outros corpos humanos, mas dos corpos animais, vegetais e minerais, de toda a natureza, de todos os corpos que compõem esse planeta. Cria-se um modelo universal chamado "homem" que se constitui como a norma que irá separar os normais dos anormais, os vencedores dos perdedores, os desejáveis dos execráveis, os que podem viver e os que devem morrer.

"O que aconteceria ao ser humano se ele fosse expresso pelos elementos [os outros corpos que habitam o planeta]?" (SERPENT RAIN). O que todos os corpos que não são os do ser-que-cogita que não são os que estão contaminados por seu modelo, os que não são estes que têm uma cabeça, o que todos esses entes têm a nos dizer sobre a vida a partir da existência do *Homo Sapiens*, aqui há alguns poucos milhões de anos, e a tamanha destruição que produziu? "[O] que o petróleo, o pré-sal, as geleiras, as areias das praias, os ventos, as chuvas, as jabuticabeiras e as pitangueiras têm a nos contar sobre a história planetária?" (BRASILEIRO, 2022, p. 17).

[6] No original: "Women must see that can be no liberation for them and no solution to the ecological crisis within a society whose fundamental model of relationships continues to be one of domination. They must unite the demands of the women's movement with those of the ecological movement to envision a radical reshaping of the basic socioeconomic relations and the underlying values of this society."

Todas as ações de violência e destruição na tentativa de dominação — as da espécie humana contra as outras espécies, as do patriarcado, as do racismo, do sexismo, da desigualdade de classes — são legitimadas, retroalimentadas e atualizadas pelo conhecimento produzido pela ciência moderna. Esta ciência produz "a" episteme, única verdade que interessa ao capitalismo: revolução industrial um, revolução industrial dois, revolução tecnológica, revolução nanotecnológica, uau, quanta revolução, gente, e a coisa só piora! A produção de conhecimento da ciência moderna possibilita a dominação da natureza para transformá-la para uso e abuso capitalísticos, para o prazer imediato do capital, a despeito de toda a violência e sofrimento que isso impõe aos humanos e não humanos, a todo o planeta.

O "humanismo liberal", ao qual Hannah Stark se refere, relacionando-o com o cartesianismo, é aquele que determina o que é um ser humano a partir da afirmação de seus "direitos naturais", direitos que convergem para a subordinação e a destruição dos "outros" humanos e não humanos. O individualismo dessa ilha que acredita independer de qualquer coisa, que pensa valer por si mesma, a "razão", é um delírio. E veja que a ideia de que "todos os homens são racionais" surge exatamente quando se instaura um sistema econômico, social, político, de modo de vida, que é justamente o contrário disso, estruturando-se na desigualdade e na exclusão. Isso não é por acaso: o capitalismo é um sistema cuja força centrífuga intensa faz parte de seu funcionamento, jogando humanos e não humanos para fora de si, para a periferia, para a morte. É necessário ao capitalismo o especismo, o patriarcado, o racismo, o sexismo, o classismo. Na tentativa de dominação, esses sistemas de violência e morte são análogos entre si e participam dos motores do capitalismo, são o modo de vida pelos quais somos formados desde a Modernidade. Apesar de todos os movimentos de resistência, escape e fuga que existiram e sempre existirão, e que fazem com que as coisas mudem, essa fôrma geral pela qual alguém ou algo se torna humano foi naturalizada e vem sendo reproduzida persistindo nesses últimos séculos. Sem dúvida, há gente interessada na permanência dessa fôrma, que se empenha deliberadamente nisso, e há muita gente que reproduz esse sistema sem perceber. É por isso, portanto, que as pessoas não ficam perplexas e não param tudo quando uma pessoa negra é torturada e morta por um branco, quando um rio é morto com detritos de minério, quando morre o último indivíduo de uma espécie, quando uma mulher é estuprada etc., porque esse sistema que violenta e mata é o mesmo que nos forma. Quando a destruição sistemática é normalizada, passa a parecer que ela é necessária para que a gente exista. É preciso estar atenta como Uýra[7]: "[m]eu trabalho é questionar o que é natural, tanto o que é natural de fato, o que sempre esteve ao nosso lado, quanto o que tem sido naturalizado e que tem nos matado".

É como se fosse preciso que tudo estivesse sendo o tempo inteiro violentamente destruído e sem motivo aparente (sendo que o motivo é a

[7] "O meu nome é Emerson, pessoa trans, não-binária, sou neta de mulheres indígenas com garimpeiros [...] a Uýra é uma artista, mas é uma artista que eu gosto de entendê-la como um corpo atravessado, por eu também ser uma pessoa atravessada, sou da periferia, indígena, LGBT [...] nós somos parte de uma história que está em curso há muito tempo e vai continuar a existir, como a natureza, nós somos natureza". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4qWLnOHgUDk.

alimentação do capital), para que a gente se sinta humano. E se assim é, por mais que haja indignação, não há revolta radical, pois como se revoltar contra o aparelho que nos produz e produz à vida e ao mundo de uma certa maneira? A pergunta é: qual vida? Qual mundo? É isso, então, que se chama de vida? É isso que se concorda que possa ser o mundo? "Eu gosto de recordar todo dia que o que estamos vivendo não é um processo natural, mas uma fase a mais de uma guerra que nunca cessou" (UÝRA SODOMA).

E se nos mantivermos atentas e fortes e nos recordarmos de que não, isso que estamos vivendo não é uma vida aceitável? De que não somos isso? "Todas as nossas células contém outras células, os antepassados de células livres anteriores. Rocha e bactéria, orgânico e inorgânico, ambos vivos e mortos. Será que essas indistinções ameaçam o tempo humano?" (SERPENT RAIN). Se pensarmos de outras maneiras, se fizermos epistemologias viscerais, se vivermos as subjetividades como rizomas (ASPIS, 2021), como isso ameaçaria o mundo *barbie-playmobil*? Esse jogo de montar com peças representativas de essências universais, o homem, a mulher, a criança, a casa, o cavalo; tudo duro, de plástico, estático, branco e classe média. E se, ao invés disso, a gente estiver constantemente inventando outros modos de vida, outras conexões, outros viveres e saberes singulares? "Uma pessoa escura, que desenvolve ao longo da sua vida, uma íntima relação (em camadas energéticas, emocionais, cognitivas, bioquímicas) com vidas que não as da sua espécie não é macumbeira, e sim livre" (BRASILEIRO, 2022, p. 22).

Nastassja Martin, antropóloga francesa, dedica seu livro *Escute as feras* (2021) "A todos os seres da metamorfose aqui e lá" (MARTIN, 2021, p. 5). A pesquisadora — cujo rosto foi mordido por um urso e não morreu, perdeu metade da mandíbula, que o urso levou, assim como levou um ferimento na perna, que ela conseguiu causar nele com uma machadinha na hora do encontro de seus corpos — nunca mais será a mesma. Agora, ela é também urso. Para ela, esta constatação é assombrosa, mas para o povo da montanha, não. Essa mulher branca, europeia, heterocis, intelectual, teve que ter metade do seu rosto arrancado pela boca de uma fera para começar a ouvi-las. "Viver na floresta é um pouco isso: ser um vivente em meio a tantos outros, oscilar com eles" (MARTIN, 2021, p. 101).

Contudo, não basta descartesianizar o pensamento. Não se trata de sair de uma fôrma de pensar e adotar outra. Não se trata de pensar outras coisas da mesma maneira: um modo preestabelecido, um filtro, um padrão, a despeito da vida — essa multiplicidade em movimento. O que resta fazer é abandonar o pensamento como sistema de padronização, rejeitar os pressupostos, o eixo centralizador, não operar o pensar como um organismo com seus órgãos e funções. Sejamos radicais, separemo-nos desta parte megalomaníaca e autoritária: trace uma linha imaginária bem abaixo do seu pescoço, corte aí, separe esta parte, reserve-a. Comece a pensar.

Façamos como Nêgo Bispo (2020) quando propõe, na confluência entre favela, quilombo e aldeia, um movimento de contracolonizar e não de descolonizar. Porque, como diz ele, o ato de desmanchar, em seu quilombo, é um modo de aprender. Se alguém desmancha um cesto e a palha ou o cipó mantêm as dobras originais, é fácil

refazer o cesto. Mas, ao destruir um cesto, será impossível que se reconstitua. "Nós não vamos desmanchar, nós vamos é destruir o que eles fizeram e reeditar o que o nosso povo ensinou" (BISPO, 2020, p. 51). Nós vamos é destruir a crença na razão como única fonte de criação de conhecimento e vamos reeditar o corpo que, decapitado, pode dançar *e* sentir *e* falar *e*. Como? Não serei eu a restituir o abismo entre o falar e o agir. Se justamente estive até aqui falando tudo isso, é porque estive fazendo experimentações de novas formas de fazer[8]. Trata-se justamente do fazer, o corpo que se move e gera pensamentos outros. Venho experimentando dar aula sem ficar "ensinando", sem ficar torturando a capacidade de aprender, de ter autonomia, de pensar por si própria das pessoas; a capacidade de se interessar, de se deixar afetar e criar algo por si mesmas a partir disso. Trata-se do que chamei de Metodologia fuçar[9]-ler-escrever, que basicamente é o seguinte: a partir de um conjunto de materiais bibliográficos, imagéticos etc. sobre um determinado tema, disponibilizado anteriormente, cada pessoa é convidada a fuçar livremente, a deixar-se mover pelo interesse (fruir, ler, assistir), a deixar-se afetar e, a partir disso, escrever livremente um texto. No encontro seguinte, cada uma fala do seu percurso do fuçar e compartilha seu texto, lendo-o em voz alta. A partir dessa prática, as pessoas podem comentar, comparar, perguntar, levantar questões, constatar, duvidar, concluir etc., ou seja, praticar o pensamento (aprender?) sem se restringir ao comentário da obra original lida/assistida. Trata-se de criar conhecimento por meio daquilo que atravessou os corpos, de compor e expressar aquilo que afetou o corpo, e, depois, no compartilhamento coletivo, potencializar essa criação. Trata-se de ensaiar outros modos de compreender/praticar a produção intelectual que não seja o de reproduzir e parafrasear.

Ler precisa ser isso, e escrever também: deixar-se atravessar e se compor, compor o corpo com aquilo que se lê, já que, ora, pesquisa é vida. O interesse e a relevância seriam, então, os critérios para se seguir em uma investigação e para trabalhar com uma determinada constelação conceitual.

Essa coisa de fuçar é um movimento, e para começar basta um gesto. Você pode começar pela quarta capa de um livro, pelo sumário, vá vendo o que encontra; pode começar pela orelha ou ir direto para as referências. Comece a ler. Ao deparar-se com algo que te intriga/interessa/parece relevante, pare aí. Pode ser uma citação, uma palavra desconhecida, qualquer coisa. Fuce essa coisa, no dicionário, na internet todinha, em outros livros, atrás da porta, dentro do forno..., não se preocupe em fazer a coisa linearmente e muito menos progressivamente. Seja infantil, pare de ler e vá atrás do que te chamou atenção, distraia-se, desvie-se. A investigação dessa coisa pode te levar a outra: outra menção intrigante, outra curiosidade, e assim vai. No percurso do interesse, sem medo de nada, siga. Vá anotando.

[8]. grupelho - Grupo de Estudos e Ações em Filosofia e Educação (DGP/CNPq), FaE - UFMG. Disponível em: https://www.grupelho.org/.

[9] Em uma perspectiva antiespecista – aquela que não acredita na superioridade de uma espécie sobre a outra, que não acredita que humanos têm o direito de produzir vidas de outras espécies de forma violenta, sustentar essas vidas de forma cruel e extingui-las desrespeitosa e doloridamente –, usar "fuçar" em relação a humanos não ofende. Todos temos rostos ou caras, narizes ou focinhos, não importa. Alguns talvez gostassem de chamar essa prática de estudo e criação de conhecimento de devir rato.

Mapeie esse seu percurso, se sentir vontade; escreva sobre isso pelo que você está passando, como isto está passando em você, como te afeta, o que faz você sentir, o que te leva a pensar, as questões, os achados, as relações. Depois de viajar, navegando por onde seu interesse te levar, volte ao texto original sempre que desejar e continue repetindo o mesmo modo, tudo de novo, só que diferente. Você pode experimentar, ao voltar ao texto, recomeçá-lo. Reler, entender outras coisas, se afetar diferentemente. Ou não. Mas não se perca, não se trata de deriva absoluta. Tente sempre se lembrar da intenção inicial que foi colocada: entender determinado conceito, adentrar determinado tema etc.

No final (não tem fim, mas tem uma hora em que necessidades exteriores nos obrigam a parar), você estará diferente do que era no começo, isto é certo. Terá mais dúvidas, saberá menos de tudo, estará esburacada, flutuando, um sistema sem centro, composto por partes heterogêneas conectadas em relações insuspeitadas, formando essa superficialidade: uma pele que delimita um território movente, sem princípios, que segue em movimentos de agenciamento, sinapses, amálgamas, abismos, chegadas, reações químicas, erosões, ajuntamento. Boiar, revolver, continuar. Sempre um mapa. Sempre outro de si. Pode-se tentar tudo isso andando, ou dançando, saindo de casa. Permanecer sentada todo o tempo pode não ser bom.

Daí a gente escreve sobre isso, escreve disso, simboliza as experimentações, para poder expressar e compartilhar, de qualquer forma, da forma que der, que desejar, sem pressupostos: não tem que ser o que se chama de "escrita acadêmica", não tem que ser poema, não tem que ser nada necessariamente, é movimento inventivo e está tudo bem. Não é nem preciso que seja um texto exatamente, pode-se usar imagens, imagens em movimento, dança etc.

Na construção do mapa dessa experimentação, sim, se falará sobre si, pois é um determinado corpo que se compõe por meio dela e por isso esse corpo é mutante, não para de se diferenciar de si mesmo. Sendo assim, o que a gente faz não é autoetnografia, pois ela tem procedimentos que não usamos. Não somos apenas olhos que observam, mente que pensa, mãos que escrevem. Somos um sistema complexo, cheio de entradas e saídas, somos compostos de conexões, sem órgãos ou funções. Nossa natureza muda a cada nova conexão e desconexão. Somos compostos por tudo aquilo que nos afeta, somos o que nos afeta, sempre sendo, sem parar; nunca nos formamos, nunca sabemos quem somos. Sujeito e objeto, forma e conteúdo, já não fazem sentido. Dessa maneira, podemos dizer que esse nosso modo de estudar, de criar conhecimento, não é autoetnografia também porque não é "auto", porque esse "si", enquanto sujeito formado, não existe. Cada uma é todas. Uma voz fina ou grossa, rouca ou límpida, das nossas, é sempre uma voz coletiva, a voz de uma minoria que fala para demarcar seu território, uma voz política para enunciar e afirmar sua existência. Essa metodologia é apenas um dos possíveis exemplos do que podemos inventar como ação de resistência, de re-existência, de insistência em existir como um corpo que se compõe com tudo que o afeta. Queremos praticar, na chamada academia, a ideia de que onde houver pele, haverá razão em toda a extensão, toda a superfície, que se conecta com todos os outros corpos do planeta e fora dele, nas abstrações, nos sonhos, nos delírios visionários e crenças. Trata-se

de inventar maneiras de exercitar com o corpo modos outros de ensinar e aprender, de ler e escrever, de criar conhecimentos. Não vamos dar cursos bláblábla sobre descolonizar, vamos é contracolonizar na unha, na raça, na tora, fazendo, fazendo de outras maneiras. Contracolonizar o pensamento cartesiano e ensaiar novos modos de vida. Dançar sem cabeça, rascunhando mapas pela ginga das entranhas.

Que fique nítido que nós não somos eles. Se pela roleta da genética seu olho sair azul e sua pele branca, de qualquer forma você não pertence a eles. Os corpos daqui, de todos os territórios que foram colonizados, são daqui. Trata-se de agir para que o Brasil seja o que se compõe a partir dos escapes pelas frestas, nos intervalos entre cada surra de chicote, cada captura, na dança que desvia e inventa outros caminhos, picadas sem fim. Sem fim nem começo, é o movimento constante das minorias que persistem, resistem, re-existem, insistem, insistem e dão gargalhadas de horror, mas também de deleite.

Referências

ASPIS, R. L. Epistemologias dissidentes. **Revista Fermentario**, v. 16, n. 1, p. 42–51, 2022. DOI: https://doi.org/10.47965/fermen.16.1.4. Acesso em: 10 set. 2023.

ASPIS, R. L. **Fazer filosofia com o corpo na rua**: experimentações em pesquisa. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

BRASILEIRO, C. V. **Quando o sol aqui não mais brilhar**: a falência da negritude. São Paulo: n-1 edições, 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009.

DESCARTES, R. **Discurso do método; Meditações; Objeções e regras; As paixões da alma; Cartas**. Intr. Gilles-Gaston Granger. Pref. e notas Gerard Lebrun. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Col. Os Pensadores).

MARTIN, N. **Escute as feras**. Trad. Camila Vargas Boldrini e Daniel Luhmann. São Paulo: Ed. 34, 2021.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra:** um livro para todos e para ninguém. Trad., notas e posf. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PRÊMIO PIPA [site]. Disponível em: https://www.premiopipa.com/castiel-vitorino-brasileiro/. Acesso em: 10 set. 2023.

ROSENDO, D. **Sensível ao cuidado**: uma perspectiva ética ecofeminista. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora, 2022.

RUETHER, R. R. **New Woman, New Earth**: sexist ideologies and human liberation. New York: Seabury Press, 1975.

SERPENT RAIN; SILVA, D. F. da; NEUMAN, A. Duração: 30min., 2016. Disponível em: https://vimeo.com/420139691/202cb0a7da. Acesso em: 10 set. 2023.

SILVA, J. de S. et al. **Mestre das periferias:** o encontro de Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Nêgo Bispo e Marielle Franco (*in memorian*). Rio de Janeiro: EDUNIperiferias, 2020.

STARK, H. **Feminist theory after Deleuze**. London: Bloomsbury Publishing, 2017.

UÝRA. A retomada da floresta. **Canal do YouTube Arte 1**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4qWLnOHgUDk. Acesso em: 10 set. 2023.

UÝRA SODOMA, uma drag queen indígena em defesa da Amazônia. **Canal do YouTube Midia Ninja**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3AnIteg88-Y&t=52s. Acesso em: 10 set. 2023.

WARREN, K. J. **Ecofeminist philosophy**: a western perspective on what it is and why it matters. Lanham/Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2000.

Recebido em 2023-06-29
Publicado em 2023-12-01